



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANA CRISTINA SANTIAGO DA COSTA

**A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE
CRECHE: A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

FORTALEZA

2015

ANA CRISTINA SANTIAGO DA COSTA

**A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE
CRECHE: A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a. Dra. Joana Adelaide Cabral Moreira.

Fortaleza

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

C871 Costa, Ana Cristina Santiago da
A literatura infantil na perspectiva dos professores de creche: a relação entre teoria e prática / Ana
Cristina Santiago da Costa. – 2015
53 f. ; 30 cm.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Especialização em docência na educação infantil, 2015.

Orientação: Prof^a. Dra. Joana Adelaide Cabral Moreira

1. Educação infantil I. Título.

CDD 370

ANA CRISTINA SANTIAGO DA COSTA

A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE CRECHE:
A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a. Dra. Joana Adelaide Cabral Moreira.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Joana Adelaide Cabral Moreira (Orientadora)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE

Prof^a. Dr^a. Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

Prof^a. Dr^a. Suzana Maria Capelo Borges
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por sempre estar à frente de todos os meus projetos, me guiando e me dando condição para concluir cada um deles da melhor forma que posso.

A todos os professores do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pela valiosa parcela de contribuição que cada um deles deixou, possibilitando um conhecimento significativo, com o qual foi possível aperfeiçoar minha experiência profissional e prática pedagógica.

A professora Joana Adelaide M. Cabral, pela disponibilidade e dedicação em orientar-me na construção de minha monografia, pois sempre esteve pronta para ajudar com seus conhecimentos e com parte de seu acervo literário. Sua ajuda tornou tudo mais claro. Sinto-me verdadeiramente agradecida.

Ao meu esposo e meus filhos por estarem sempre presentes em todos os momentos me incentivando, estimulando e acreditando em mim, até mais do que eu mesma, muitas vezes. A disposição de cada um deles em contribuir com sugestões e me ajudarem em minhas dificuldades, tiveram fundamental importância para realização desse trabalho. Sem eles, nada seria possível e nada teria importância. Que Deus os abençoe sempre.

A minha mãe, por sempre compreender que a correria entre o trabalho, a faculdade e a família, ocasionava minha demora em visitá-la, e por sempre me incentivar a correr atrás das melhorias profissionais e pessoais. Que Jesus lhe abençoe sempre com muita saúde e paz.

A todas as colegas de trabalho que contribuíram com a pesquisa de campo e a todas as companheiras da turma de especialização, por sempre torcerem pela vitória umas das outras. Que nós possamos vencer mais essa etapa de nossas vidas profissional e acadêmica. Que a Luz Divina esteja iluminando nossos passos.

Não poderia deixar de agradecer também, às colegas que, por motivos de força maior, não levaram a diante o curso ou a monografia, mas mesmo assim, ficaram

na torcida para que todas nós pudéssemos concluir. Deus tem planos maravilhosos para vocês.

“Somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura, se proporcionar desde cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias.” (Gladis Kaercher)

RESUMO

A literatura infantil, nos dias atuais, tem sido de grande importância no trabalho com a Educação Infantil. Se bem planejados, os momentos que envolvem o uso dela podem contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento das crianças. Sabendo que a escola exerce papel fundamental para essa evolução, procurou-se, nessa pesquisa, conhecer as funções que os docentes atribuem a literatura infantil na rotina da creche, identificando as estratégias que eles utilizam para trabalhar com essa ferramenta tão valiosa, bem como fazer uma relação entre a teoria e a prática pedagógica dos professores a fim de captar a natureza de seus fazeres pedagógicos. No que se refere a metodologia, por tratar-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, utilizou-se como instrumentos para a coleta de dados observação participante e entrevistas. A amostra do estudo em foco foram quatro salas de aulas que atendem às crianças de um a três anos de idade em uma escola pública municipal de Fortaleza-Ce. A recolha dos dados foi resultante das entrevistas com as docentes, das observações de toda a rotina das salas e da organização e disponibilização dos suportes literários. Os resultados da investigação mostraram que a literatura infantil é muito presente na rotina das crianças por meio das contações e leitura de histórias, como também foi possível perceber que as educadoras proporcionam interações das crianças com a literatura de variadas formas. Ainda mostrou que o corpo docente observado procura disponibilizar e facilitar o acesso das crianças aos mais diversificados materiais literários. Assim, conclui-se que a literatura infantil tem lugar de destaque na rotina da creche e que as educadoras estão procurando manter uma sintonia permanente entre a teoria estudada e a prática realizada em sala com as crianças, bem como, buscam se manter conectadas com as publicações acerca dos benefícios do trabalho com a literatura em questão.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Linguagem. Aprendizagem.

RESUMEN

La literatura infantil, en los días actuales, ha tenido gran importancia en el trabajo con la enseñanza de los niños. Si bien planteados, los momentos que involucran su uso pueden ayudar de manera significativa el desarrollo de los niños. Sabiendo que la escuela ejerce papel fundamental para este desarrollo, intentamos en esta investigación, conocer las funciones que los profesores atribuyen a la literatura infantil en la rutina de la guardería, identificando las estrategias que ellos utilizan para trabajar con esta herramienta tan preciosa, y establecer una relación entre la teoría y la práctica de los profesores con el objetivo de aprehender la naturaleza de sus obras educativas. La metodología que se utilizó para recolección de datos, ya que es un estudio del tipo investigación cualitativo de caso fueron: la observación participante y entrevistas. Las muestras que tuvieron enfoque en este estudio fueron cuatro aulas que atienden a los niños de uno hasta tres años en una escuela pública de Fortaleza. Ce resultantes de las entrevistas con los profesores, las observaciones de la rutina de las aulas e la organización y provisión de los aportes literarios. Los resultados de la investigación mostraron que la literatura infantil es muy presente en la rutina de los niños por medio de las “*contações*” y lectura de historias. También fue posible percibir que los profesores les proporcionaron interacciones con este tipo de literatura de varias maneras. Nos mostró aun que el profesorado observado se esfuerza para disponer y facilitar el acceso de los niños a los más diversos materiales literarios. Por lo tanto, se concluye que la literatura infantil tiene un lugar muy importante en la rutina de la guardería y que los profesores intentan mantener una armonía permanente entre la teoría estudiada a lo largo de su formación y la práctica que tuvo lugar en sus clases, más allá de eso, intentando mantenerse en contacto con las publicaciones referente a los beneficios de trabajar con el género literario en cuestión. Por lo tanto, se concluye que la literatura infantil tiene un lugar muy importante en la rutina de la guardería y que los profesores intentan mantener una armonía permanente entre la teoría estudiada a lo largo de su formación y la práctica que tuvo lugar en sus clases con niños, más allá de eso, intentando mantenerse en contacto con las publicaciones referente a los beneficios de trabajar con la literatura en cuestión.

Palabras Clave: Literatura Infantil. Lenguaje. Aprendizaje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A RELEVÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DA CRIANÇA	12
1.1. A relação entre a linguagem e o pensamento infantil	14
1.2. Autores que serviram de ancoragem teórica para a pesquisa	17
1.3. Literatura Infantil: a opinião de alguns autores	19
2 UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.....	20
2.1.Literatura Infantil – Como tudo começou	21
2.2.A Literatura Infantil no Brasil.....	23
3. METODOLOGIA APLICADA PARA A COLETA DE DADOS	25
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
4.1.Formação docente e tempo de trabalho na Educação Infantil	31
4.2. O papel da Literatura Infantil no desenvolvimento e aprendizagem da criança.....	32
4.3. Literatura infantil <i>versus</i> rotina.....	34
4.4. Frequência da contação de histórias	35
4.5. Estratégias usadas para trabalhar a Literatura	36
4.6. Gêneros textuais utilizados na creche	37
4.7. Possibilidade de interação criança <i>versus</i> histórias.....	38
4.8. Dificuldades para trabalhar a Literatura	40
4.9. Material disponibilizado pela escola	41

4.10. Outros recursos para trabalhar a literatura	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
7. APÊNDICES.....	50
8. ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico traz como tema *A Literatura Infantil na perspectiva dos professores de creche*: a relação entre teoria e prática e objetiva retratar uma pesquisa sobre a análise do papel atribuído pelas docentes a esta ferramenta tão valiosa e rica em possibilidades de trabalho com as crianças pequenas.

Na pressuposição de que a Literatura Infantil concorre para o desenvolvimento intelectual da criança pequena é que decidimos fazer uma investigação sobre esta temática no contexto de uma creche pública municipal.

Formulamos para o presente estudo os seguintes objetivos específicos: descrever as funções que os educadores atribuem a literatura infantil na rotina da creche, identificar que estratégias os docentes utilizam para trabalhar com a literatura na sua prática pedagógica e por fim, verificar que materiais o profissional da educação infantil tem a sua disposição para organizar as atividades literárias em sua sala. Com essa investigação almejamos em última instância fazer uma relação entre a teoria e a prática dos professores, no sentido de compreender a natureza de seus fazeres pedagógicos.

O tema literatura sempre me causou interesse, pois desde a minha transição de criança para a adolescência comecei a desenvolver o gosto pela leitura. Daí em diante fui tornando-me uma leitora bastante ativa. Só depois de tornar-me mãe, é que despertou o meu interesse pela literatura infantil, mas ainda na forma de filmes, com os encantadores clássicos infantis.

Após os estudos no curso de Pedagogia, o início de uma experiência de trabalho em creche e, por fim, o ingresso em uma especialização em Docência na Educação Infantil, fui percebendo a riqueza contida em tudo que se refere a literatura infantil. Dentre todas as possibilidades de trabalho com esse suporte, a que mais me encantou foi a utilização da contação de histórias como ferramenta na educação das crianças. Achei impressionante constatar como esse gênero textual pode, se bem planejado, prender a atenção dos pequenos e levá-los a aprender a medida que se discute sobre o tema abordado no livro e sobre o enredo da história em pauta. Também fui percebendo que esse era um momento que me ajudava muito a fazer as

observações acerca do desenvolvimento das crianças, pois a comunicação fluía de forma natural, dinâmica e prazerosa, assim, podia observar suas preferências, sentimentos, o nível da oralidade, tempo de concentração e muitos outros aspectos.

Acerca do desenvolvimento da oralidade Vigotski relata que:

Esse instante crucial, em que a fala começa a servir ao intelecto, e os pensamentos começam a ser verbalizados, é indicado por dois sintomas objetivos inconfundíveis: (1) a curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras, suas perguntas sobre cada coisa nova ('O que é isto?'); e (2) a conseqüente ampliação de seu vocabulário, que ocorre de forma rápida e aos saltos (1998, p. 53).

Realmente percebi que esses eram momentos de ricas descobertas tanto para as crianças quanto para mim, pois era durante a contação de histórias que a curiosidade delas atingia seu ápice – queriam saber de tudo e buscavam expressar ao máximo o que apreendiam do material trabalhado. O tipo de livro apresentado a elas, bem como suas imagens e o que retratavam, era uma grande novidade. O mais importante é que esses rituais faziam com que as crianças desenvolvessem o interesse pelas histórias, movidas pelo prazer e a alegria que elas lhes causavam.

Diante dessas experiências e por achar importante que as crianças entrem em contato desde a mais tenra infância com a literatura, possibilitando o desenvolvimento de inúmeros aspectos, especialmente a linguagem, resolvi eleger como tema do meu trabalho de conclusão de curso, algo que abordasse a literatura infantil, para que pudesse ter a oportunidade de pesquisar, analisar e refletir com mais profundidade sobre esse assunto tão envolvente não só para mim como professora de Educação Infantil, mas também para entender como outras professoras trabalham a literatura em suas salas com as crianças.

O primeiro capítulo aborda a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento das crianças, e ainda discorre sobre a linguagem, o pensamento e a fala, segundo as abordagens de Vygotsky, Bondioli e Mantovani.

O segundo capítulo traz um conciso resgate histórico sobre a literatura infantil, revelando sua origem e como ela chegou ao Brasil, ou seja, das primeiras obras publicadas até Monteiro Lobato, uma das figuras mais importantes quando se trata desse assunto.

Podemos encontrar, no terceiro capítulo, explicações sobre a metodologia aplicada para que pudessem ser colhidos os dados da pesquisa.

Todas as apresentações e análises de dados estão expostas no capítulo quarto, como também, ao final deste, venho trazendo as críticas e sugestões dos sujeitos da pesquisa, para a melhoria da qualidade do trabalho.

Por fim, nas considerações finais constam os achados da investigação realizada, e as conclusões acerca das hipóteses iniciais, bem como as respostas obtidas para cada objetivo proposto no início deste desafio.

1. A RELEVÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DA CRIANÇA

A leitura abre portas surpreendentes e, por meio delas, podemos ver um universo inteiro de diversificadas possibilidades.

Os professores precisam dar destaque à leitura em suas salas, por vários motivos, e um deles é o que Nietzsche defendia, segundo LARROSA (2005), quando colocava que uma das primeiras atribuições da educação era ensinar a ver. A leitura ajuda a tirar *a venda dos olhos* de quem lê. Um livro não é meramente um agrupamento de textos ou palavras, e sim, uma série de possíveis traduções para nossos sentimentos e percepções, bem como diversas soluções para os conflitos internos do leitor.

No livro *Fadas no Divã – Psicanálise nas Histórias Infantis*, Corso diz o seguinte sobre as histórias:

Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária [...] (2006, p. 303).

As crianças gostam de ouvir a mesma história repetidas vezes, e se, ao contar uma história, nem que seja pela décima vez, o professor modificar alguns

detalhes, ela vai “protestar” imediatamente, pois é como se ela precisasse vivenciar aquela mesma situação, por várias vezes, a fim de internalizar a mensagem e para que lhe sirva de suporte e subsídio na construção de sua formação.

Ainda bem pequena, os primeiros contatos da criança com a linguagem é uma espécie de experimentação. Vejamos o que Carlos Brandão diz sobre o assunto, no livro *Encantar o mundo pela palavra*:

A criança pequena tem uma relação que é absolutamente realista e, ao mesmo tempo, absolutamente mágica com a palavra. Quando a criança começa a falar, a palavra tem, para ela, um sentido de poder sobre a realidade. Assim, quando ela diz ‘mãe’, o desejo dela é que a mãe apareça. Ela primeiro chora e, quando aprende a falar, chama a mãe. E diz a palavra ‘mãe’ e a mãe aparece. A criança talvez credite isso à mágica da sua palavra. ‘Eu falo mãe e minha mãe aparece’. ‘Eu falo pão, minha mãe me dá um pão’. Ou seja, enuncia palavras que fazem as coisas acontecerem (2010, p.89).

Comungamos com a ideia que quanto maior é o contato que a criança tem com a literatura, melhor vai se tornando sua capacidade de reação e busca de soluções para seus problemas interiores. E, independentemente da orientação emocional que sua família lhe proporcionou no decorrer da sua história, muitas dúvidas, crises e impasses certamente irão surgir e, são nesses momentos que sua mente vai buscar, em meio a tantas histórias lidas, as possibilidades de soluções. Acreditamos que encontrará resposta, ou mesmo inspiração ou sugestão do caminho que deve tomar.

Muitos adultos acreditam que estão sendo grandes incentivadores e que concorrem para a formação de pequenos leitores quando se utilizam dos livros de literatura infantil com propósito pedagógico. Essa atitude não é uma garantia de que as crianças irão desenvolver o gosto pela leitura, também, com isso, não se pretende afirmar que se deve afastar das intenções educativas, mas as crianças precisam descobrir a leitura como fonte de prazer, diversão, sonhos, fantasia e magia. Assim, as aprendizagens ocorrem de forma natural e espontânea.

No tocante a esse aspecto, Corso relata que:

É fácil dizer que ficção infantil poderia ser melhor, que deveríamos elaborar narrativas mais educativas, que transmitissem valores positivos para nossas crianças. [...] elas não se engatam em posturas francamente didáticas e preferem histórias que não tenham embutidas a intenção de educá-las [...]. Atenção, não se trata de abrir mão de educar as crianças, mas sim de evitar contrabandear intenções pedagógicas subliminares dentro de seu suprimento

de fantasia: aqui elas parecem preferir um território livre de influências pedagógicas (2006, p. 304).

1.1 A RELAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM E O PENSAMENTO INFANTIL

Estudos mostram que, desde os primórdios a necessidade da comunicação já existia. A princípio ela se deu pelos gestos e posteriormente pela oralidade (LURIA, 2001), (REGO, 1995, 2003) e (MOREIRA, 2009) entre outros. A linguagem verbal torna o homem um ser privilegiado pela sua capacidade de fazer uso da palavra para expressar suas ideias, necessidades e emoções. Além disso, ela possibilita a organização do pensamento, a comunicação e a interação com o mundo, tornando as trocas de informações mais significativas proporcionando assim, a aprendizagem e um desenvolvimento intelectual.

Segundo REGO, Vygotsky define a linguagem como:

[...] um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas (1995, p.52)

Pesquisas recentes defendem que crianças que ainda no útero materno costumam ouvir a voz da mãe, do pai ou de um irmãozinho, muito provavelmente ao nascer possuem a capacidade de discriminar tais sons. Desde o momento do nascimento, ela está inserida em um ambiente onde a linguagem se faz presente a todo momento. Ouve constantemente a voz dos familiares e cuidadores, as canções de ninar e a comunicação que ocorre em seu entorno. Quando os que a rodeiam procuram falar com ela, mesmo supondo que pode não estar entendendo, estão certos de que está sentindo a atenção e o carinho dirigidos a ela. E essa situação é de grande importância para o seu desenvolvimento.

No tocante ao assunto, Rego traz em seu livro, cujo título é *Vygotsky*, um texto original do referido teórico, onde ele diz que:

A linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Só depois, convertida em linguagem interna, transforma-se em função mental interna, que fornece os meios fundamentais ao pensamento da criança (1995, p.129).

A criança mostra, no início do primeiro ano de vida, sinais de comunicação com o meio, como por exemplo o choro e a emissão de alguns sons (arrulhos), há também a fase dos balbucios, que são os sons um pouco mais elaborados. Apesar de não ser uma regra, pois cada criança tem seu ritmo próprio, as primeiras palavras surgem por volta do 12º ou 14º mês de vida. Todas essas formas de expressão podem ser vistas como uma tentativa de contato com o ambiente.

Esse pensamento pode ser melhor expressado por Vygotsky da seguinte forma:

As raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento da criança são há muito conhecidas. O balbucio e o choro da criança, mesmo suas primeiras palavras, são claramente estágios do desenvolvimento da fala que não tem nenhuma relação com a evolução do pensamento. [...] Pesquisas recentes acerca das primeiras formas de comportamento da criança e das suas primeiras reações à voz humana [...] mostram que a função social da fala já é aparente durante o primeiro ano de vida, isto é, Na fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala (1998, p. 52 e 53).

Por volta do segundo ano de vida, a criança começa a ser tomada pela consciência que tudo a sua volta possui um nome e seu interesse pelas palavras aflora na forma de perguntas e na tentativa de descobrir o que é cada coisa que a rodeia. É como se, antes, as palavras que eram expressadas por ela fossem meramente repetições e não fossem conectadas ao pensamento. Agora, tudo parece fazer sentido e ela sente a necessidade de sair em busca de novos conhecimentos.

Podemos comprovar que essa tese se sustenta nas pesquisas de Vigotski, com o trecho a seguir, extraído do seu livro *Pensamento e Linguagem*:

Mas a descoberta mais importante é que, num certo momento, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala [...] unem-se para iniciar uma nova forma de comportamento (1998, p. 53).

E, como ele mesmo coloca mais a frente, no mesmo trecho: “*Ela parece ter descoberto a função simbólica das palavras*”.

Ainda segundo os estudos de Vygotsky, o desenvolvimento da fala trilha o mesmo percurso de outras operações mentais que se utilizam de signos. Foi percebido que seu desenvolvimento se dava por meio de quatro estágios: natural; psicologia ingênua; signos exteriores/fala egocêntrica e crescimento interior.

À medida que a criança vai evoluindo gradativamente em um estágio, ela passa naturalmente para o próximo. O primeiro, equivale à fala pré-intelectual e ao pensamento pré-verbal. O segundo, representa seu primeiro contato com a inteligência prática e se caracteriza pelo desenvolvimento da fala - é quando ela se utiliza corretamente de formas e estruturas gramaticais, sem a consciência do que isso representa. Ela passa a dar explicações usando “os porquês”, ou perguntar algo relacionado ao tempo se utilizando de “quando”. O terceiro estágio, é quando a criança começa a fazer a resolução de problemas internos – o que Piaget chamaria de operações concretas, pois ela faz a contagem usando os dedos (signos exteriores). O quarto estágio a possibilita fazer cálculos mentais e é também a última fase da fala interior.

É complicado para uma criança pequena dissociar o nome de um objeto, tanto quanto de suas particularidades. Na realidade, para ela, o nome é uma espécie de característica do objeto. Assim como em determinada fase de seu desenvolvimento, se sua mãe se chama Maria, outra pessoa não pode ter o mesmo nome, pois para ela, só há uma Maria e essa, é sua mãe.

Isso pode ser confirmado com o que Vygotsky coloca:

Podemos ver como é difícil para uma criança separar um nome de um objeto de seus atributos, que se prendem ao nome quando este é transferido, do mesmo modo como as coisas que se possui acompanham o seu dono (1998, p.161).

Em se tratando da aquisição da linguagem escrita, Vygotsky também faz algumas considerações e diz que isso tem uma longa pré-história. Ele explica que, para que tal processo ocorra de forma efetiva, precisa ser um processo significativo para a criança, ou seja, tem que ser algo necessário para ela. Participar de diversificados momentos, junto com as crianças, que envolvam a escrita, é uma valiosa estratégia para que desperte esse interesse, caso contrário, essa fase da descoberta pode ser ofuscada pela massacrante série de atividades repetitivas e sem sentido ou encanto.

Confirmamos esse fato no trecho a seguir:

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensinam-se as crianças a desenhar as letras e construir

palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se tal modo a mecânica de ler o que está escrito, que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal (Vygotsky. 2002, p.139)

Antes de um ano da idade, a linguagem da criança ainda é uma espécie de *intenção comunicativa*, é o que afirmam Bondioli e Mantovani (1998) citando como exemplos, as vocalizações e o choro. Só por volta de dois anos é que se iniciam as formulações de pequenas frases e, por fim, aproximadamente aos três anos é que ela alcança os suportes essenciais da linguagem tendo como consequência o desenvolvimento da linguagem.

O ambiente de creche é muito favorável nesse aspecto, pois as interações e as comunicações criança/adulto e criança/criança que lá podem ser proporcionadas, são muito intensas e favorecem um melhor desenvolvimento da linguagem das crianças.

O que foi citado acima pode ser confirmado no trecho a seguir:

Por esses motivos a atenção de psicolinguistas evolutivos, psicólogos e educadores dirigiu-se à creche, percebendo nesta o local da comunicação e da interação, fundamentais para a aquisição da linguagem, devido também à pouca idade dos sujeitos usuários. Inicialmente [...] deram atenção às condições através das quais a linguagem pode desenvolver-se [...] mais tarde passou-se a analisar as interações comunicativas entre adulto e criança e entre criança e criança (Bondioli e Mantovani 1998, p. 203).

Dessa forma, é crucial para o desenvolvimento da criança o início de sua experiência escolar, pois é aí que ela expande suas relações de trocas, interações e descobertas, saindo do ambiente exclusivamente familiar, onde essas experiências são mais restritas e limitadas.

1.2 - AUTORES QUE SERVIRAM DE ANCORAGEM TEÓRICA PARA A PESQUISA

Alguns autores que abordavam o tema em questão foram elencados em uma revisão de literatura que realizamos antes e durante o desenvolvimento do trabalho para que pudesse dar suporte e embasamento teórico, possibilitando, assim, uma análise mais fundamentada. A seguir, serão apresentados alguns dos livros que foram consultados a título de suporte para a realização da investigação em foco:

No livro *O que é literatura infantil* a autora Cademartori discorre sobre o que é a literatura infantil, bem como seus compromissos e desafios; a origem dos contos clássicos e também aborda questões como a escolha dos livros. Vejamos uma síntese na seguinte citação:

Através da história, é a dimensão simbólica da história que é experimentada, assim como sua junção com o imaginário e com o real. É amplamente conhecida a importância existencial das narrativas clássicas para as crianças. A apresentação sintética, simbólica e essencial de conflitos que atinem as personagens nos contos de fadas permite aos ouvintes a elaboração, igualmente simbólica, dos seus. Desse modo, os contos, clássicos ou populares, facultam, não só a identificação, como também possibilitam uma prospecção, ou seja, a reformulação das expectativas pela apresentação de perspectivas novas (Cademartori, 2010, p. 62).

Cléo Busatto, escritora, contadora de histórias e mestre em Teoria Literária, em seu livro *Contar e encantar, pequenos segredos da narrativa*, traz suas experiências em relação ao uso dos contos como suporte no processo de aprendizagem. É uma espécie de manual para educadores que buscam na literatura um suporte para a educação das crianças.

Também foram consultadas obras de Bassedas, Huguet e Solé, em especial o livro *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*. As referidas autoras são psicólogas, fazem parte de equipe de assessoramento psicopedagógico e pesquisam temas relacionados à Literatura e Educação Infantil. O livro aborda o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, bem como a avaliação que envolve esses dois aspectos.

Bondioli e Mantovani nos levam a refletir acerca do desenvolvimento da linguagem. Bondioli pesquisa sobre o jogo na primeira infância e os processos de socialização dos infantes. Mantovani pesquisa sobre a primeira infância e as práticas pedagógicas na creche.

E por fim, um dos principais fundamentos para a pesquisa, foi encontrado nos estudos de Vygotsky expresso no livro *Pensamento e linguagem* em que discorre acerca do desenvolvimento do pensamento e da relação entre o pensamento e a linguagem oral.

1.3 - LITERATURA INFANTIL: A OPINIÃO DE ALGUNS AUTORES

Podemos dizer que a Literatura Infantil é considerada fundamental no desenvolvimento da linguagem infantil, assim como na formação de leitores e produtores de texto. E essa é a característica mais marcante, quando lemos os mais variados conceitos de Literatura Infantil, ou seja seus aspectos pedagógicos.

Ao observarmos as listas de indicações de livros e sugestões de leitura, como por exemplo, o site *lendo.org* e a lista dos livros mais vendidos que é divulgada semanalmente na revista *Veja*, podemos perceber que, dentre as obras que são determinadas como merecedoras de serem lidas e apreciadas, baseadas em alguns julgamentos críticos, e que são muito valorizadas pela mídia, não se incluem as obras de Literatura Infantil. Apenas quando há uma concepção histórica é que podemos ver títulos como *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll. E é válido ressaltar que o referido título contém muitas mensagens que não são de fácil compreensão por parte das crianças, mas é muito apreciada por adultos que consideram que os pequenos leitores também podem lê-la.

São muitos os conceitos que se atribuem à Literatura Infantil e, dentre eles podemos citar a opinião de Carlos Drummond de Andrade a respeito do tema, em *Confissões de Minas*:

[...] O gênero Literatura Infantil tem a meu ver existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de ser alimento para a alma de uma criança ou de um jovem e se dirige ao espírito do adulto? [...] (1979; p. 220).

As palavras de Drummond acerca da literatura mostram um pouco de sua inquietação, pois podemos perceber que, para ele, a literatura em si pode ser apreciada tanto por adultos, como por jovens e crianças, havendo a necessidade, como ele mesmo diz, de serem tomados “*cuidados de linguagem e decência*”.

Cagneti ainda diz que:

A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: Fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (1996; p.7).

A abordagem de Cagneti (1996) deixa claro sua percepção de literatura infantil como algo que possui beleza e magia.

Cademartori também expressa sua visão sobre literatura infantil quando diz que:

As obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos tem potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que lê. A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor [...]” (2010, p. 17).

Essas palavras nos levam a perceber que a literatura infantil deve despertar nas crianças a imaginação, a alegria e a liberdade de experimentar as inúmeras sensações possibilitadas pela magia da leitura.

Em uma entrevista, Ziraldo, um dos mais conhecidos escritores infantis do Brasil, expressa um pouco de sua visão sobre o assunto e diz que:

[...] leitura é vocação e quem não nasce vocacionado para leitura, é preciso fazer que essa pessoa também descubra o infinito prazer que há em ler [...] A questão da leitura no Brasil é emergencial. É preciso mobilizar a sociedade para incentivar o prazer de ler, e não, ler como exercício (capturado do blog.clubedeautores.com.br 03/01/2015).

Como pode ser percebido, mesmo com atribuições de diferentes conceitos sobre a literatura infantil, há algo em comum: sua relevância para a formação da criança e sua capacidade de despertar fruição.

2 - UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Atualmente, há no meio acadêmico o consenso que a Literatura Infantil tem fundamental importância no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças. Constata-se que algumas famílias, embora em número bem mais reduzido que o desejado, procura proporcionar esse contato quando as crianças ainda são bem pequenas. No entanto, observamos que ela vem sendo progressivamente inserida no cotidiano das crianças, principalmente pelos profissionais que atuam na Educação Infantil. Sobre essa ideia, Cademartori diz que:

[...] a Literatura Infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a Literatura surge com um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento (1994, p. 23).

Este capítulo traz uma breve exposição sobre a trajetória da Literatura Infantil de uma forma bem sucinta, passando pelos jesuítas e Perrault, até chegar a Monteiro Lobato e em alguns outros escritores que, de alguma forma, se inspiraram nele para iniciarem ou enriquecerem suas obras.

2.1 A LITERATURA INFANTIL: COMO TUDO COMEÇOU

Ao fazermos um breve resgate sobre a contação de histórias, podemos perceber que ela se fez presente desde as antigas civilizações quando era usada para narrar situações do cotidiano das tribos nômades ou mesmo para socializar hábitos e costumes de uma geração para sua sucessora e consolidar a memória do homem em diferentes momentos. Já os contos destinados ao público infantil são bem mais recentes, e só foram registrados em livros no final da idade moderna. Vejamos o que nos disse Cunha sobre esta temática:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para vida adulta (CUNHA, 1999, p. 22).

No século XVIII a rotina das crianças ainda era agregada à dos adultos, não havendo separação e cuidado em estabelecer critérios sobre o que a criança poderia ouvir ou participar, pois ela era vista como um “adulto pequeno”. Fazendo parte, em tudo, do mundo dos adultos, havia uma grande troca e daí resultavam as aprendizagens. Tais conhecimentos, na maioria das vezes, eram adquiridos de forma inadequada.

Com a literatura não foi diferente. De acordo com Cunha (1991), até a idade média, existiam dois tipos de criança, os filhos dos nobres, que recebiam a orientação de preceptores e, através destes, tinham acesso aos grandes clássicos, e as crianças das classes desprivilegiadas, que liam ou ouviam as histórias de cavalaria e de

aventuras. Enfatiza ainda que *As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares* (p.22).

Segundo historiadores como Lajolo e Zilberman a literatura infantil surge no final do século XVII e início do século XVIII, época em que a criança começa a ser vista de uma maneira diferenciada da que era até então e quando as concepções de infância começam a ser tratadas de forma mais relevante para o desenvolvimento da criança. Destacamos, da escrita das pesquisadoras, o seguinte trecho:

As primeiras obras publicadas visando o público infantil aparecem no mercado livreiro na metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as fábulas de La Fontaine editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os Contos da Mamãe Gansa, cujo título original era Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades, que Charles Perrault publicou em 1697 (LAJOLO e ZILBERMAN, 2005, p. 15).

Alguns escritores fizeram, em épocas diferentes, uma coletânea de contos populares e lendas dando origem aos contos de fadas. No século XVII, foi o francês Charles Perrault quem escreveu *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*, por meio de sua coleta de contos da idade média. Mais tarde, no século XIX, foi a vez dos irmãos Grimm na Alemanha, criando *João e Maria* e *Rapunzel*.

É relevante ressaltar que a época em que Perrault iniciou esse trabalho foi em um momento histórico muito tenso e difícil. Segundo Cademartori, foi durante o reinado de Luís XIV, após a *Fronde*, um movimento popular contra o governo absolutista, o qual deixou a França marcada pela repressão. O governo utilizava estratégias diversas para controlar a população, inclusive o sistema educacional – mais ou menos a mesma visão que se referia à criança, em que o povo precisava ser ensinado a submeter-se às vontades do adulto, que no caso, era o governo.

Não se pode deixar de frisar que antes de Charles Perrault, já existiam livros destinados às crianças. Como exemplo podemos citar os textos escritos pelos jesuítas para compor os catecismos. Para o escritor Salem (1970) estes livrinhos que tinham um fim pedagógico de introduzir os pequenos no catolicismo são considerados Literatura Infantil. No entanto, é importante sublinhar que eles não tinham a função de entretenimento, prazer ou distração como ocorre com o que hoje entendemos como Literatura Infantil. Nas palavras do próprio autor:

Da idade média ao renascimento (século XV a XVII aproximadamente) datam os primeiros livros considerados literatura infantil, são os catecismos criados pelos jesuítas para pregar o cristianismo às crianças: [...] esta foi a primeira forma de literatura infantil, espontânea, com a finalidade única de facilitar o ensino às crianças apenas intuitiva da necessidade da infância' às crianças eram ensinadas nas escolas cristãs, em 1684, a leitura, a escrita, a música sacra e a religião (SALEM, 1970, p. 23).

Assim, fica claro que existe uma diferença entre livros destinados ao público infantil: livros didáticos, catecismos, Bíblias ilustradas, gibis, entre outros e histórias ou contos lúdicos escritos para as crianças, que são registrados em livros.

2.2 A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

De acordo com estudos realizados acerca da literatura infantil, sua chegada ao Brasil ocorreu no final do século XIX. Segundo Lajolo e Zilberman (2005), no decorrer do século XIX já se falava de casos isolados de registros de obras destinadas às crianças. Até então, o que imperava era a forma de “contação de história, em que se repassavam os contos folclóricos e as lendas de forma oral e essa era também uma maneira utilizada para a transmissão da cultura.

A literatura infantil brasileira recebeu influência portuguesa, africana e indígena e isso resultou em histórias e cantigas muito ricas e divertidas. Durante o período do Brasil-colônia as escravas contavam histórias para acalantar os filhos dos brancos.

José Lins do Rego retrata esse período em sua obra *Menino de Engenho*, segue um fragmento de texto:

[...] a velha Totonha de quando e vez batia no engenho. [...] Ela vivia de contar histórias de Trancoso. [...] andava léguas e léguas a pé, de engenho em engenho, como se uma edição viva das Mil e uma noites. Que talento ela possuía para contar histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem um dente na boca, e com uma voz que dava os tons às palavras. As suas histórias para mim valiam tudo. [...] Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. [...] Havia uma nota pessoal na modulação de sua voz [...]. A sua avó que engordava os meninos para comer era mais cruel que a das histórias que outros contavam (2003, p. 44- 45).

Segundo pesquisas, a literatura infantil brasileira em seu início era utilizada principalmente para fins pedagógicos. Isso se deu por conta das ações em prol da

alfabetização, após a abolição dos escravos. A literatura nesse período era usada também como instrumento disciplinador de crianças e como uma espécie de “tranquilizante” com o objetivo de acalmá-las. É imperioso destacar que a didatização da literatura infantil, camufla seu caráter lúdico e a afasta do seu real objetivo que é divertir e entreter a criança, despertando sua imaginação e seu gosto pela leitura. Também faz com que sejam tolhidas ao impossibilitá-las experimentar a magia e a fruição.

Palo e Oliveira (2001) também abordam essa característica inicial da literatura infantil brasileira quando dizem que *desde os primórdios, a literatura infantil surge como uma forma literária menor, atrelada à função utilitário pedagógica que faz ser mais pedagogia que literatura* (p.9).

Na visão de Coutinho (2004), a literatura infantil, embora deva ser dotada de uma ausência de intenção meramente pedagógica, deve, também, ser cheia de intencionalidades educativas, instrutivas e emocionantes, provocando na criança, a sua imaginação, sua sensibilidade, sua criatividade e seu interesse pela leitura.

Há indícios que antes de Monteiro Lobato, alguns escritores brasileiros escreveram livros infantis, mas foi ele quem realmente deu força e consistência à Literatura Infantil no país. Também é válido ressaltar que, diferentemente das obras portuguesas, ele reproduz a realidade e a cultura brasileira possibilitando, por meio de suas histórias, que a criança viaje em seu imaginário provocando o pensamento e a reflexão e proporcionando o aprendizado, encantamento e diversão. De acordo com Cunha:

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional (Cunha, 1991, p.24)

O livro *A Menina do Nariz Arrebitado*, que deu origem à Narizinho do Sítio do Pica Pau Amarelo, foi a primeira história infantil de Monteiro Lobato. O autor manifesta, em suas obras, influências de autores como La Fontaine, Esôpo e personagens de desenhos animados como *O marinheiro Popeye* e o gato *Félix*. Pedrinho, personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo, é com quem Monteiro Lobato se reconhece na sua época de criança. É válido relatar que ele criou histórias

atreladas à cultura brasileira como folclore e também escreveu textos que ensinavam, de maneira atraente para as crianças, conhecimentos de Matemática, História, Geografia, foi ele quem iniciou a literatura paradidática.

O fato de Monteiro Lobato se utilizar de uma maneira bastante particular de escrita, ou seja, uma linguagem bem simples onde ele funde o real e a fantasia, fez com que se tornasse um escritor muito apreciado pelas crianças.

Algumas renovações foram feitas nos livros infantis e didáticos quando Monteiro Lobato passou a editar livros no Brasil, pois até então, os livros brasileiros só eram editados na Europa.

Sua maior obra na literatura infantil, O Sítio do Pica Pau Amarelo, já passou por diversas adaptações para transmissões televisivas e, uma das mais recentes foi a versão em desenho animado, que por sinal parece ter sido muito bem aceito pelo público infantil.

Em 1948 o Brasil se despede da pessoa de Monteiro Lobato, mas suas obras permanecem presentes até hoje, encantando crianças e adultos. Assim, perdemos o iniciador da literatura infantil brasileira com sua característica marcante de unir o real e o imaginário.

3. METODOLOGIA APLICADA PARA A COLETA DE DADOS

A presente investigação foi realizada utilizando a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, tendo em vista que a fonte direta para coleta de dados foi o ambiente natural, levando em consideração o fato de possibilitar a valorização, não somente dos resultados, mas também de todo o processo de realização investigativa.

A visão de Minayo sobre esse tipo de pesquisa é que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (2011, p.21).

A pesquisa foi executada no período de dois meses e passou por algumas etapas fundamentais para a organização e a melhor compreensão dos dados coletados. Segundo Minayo (2011), são eles: *Fase exploratória* – produção do projeto de pesquisa e o cronograma de atividades para a pesquisa de campo; *Trabalho de campo* – botar em prática o que foi previsto na fase anterior; *Análise e tratamento dos dados coletados*.

Foi de fundamental importância realizar a pesquisa de campo, pois ela possibilitou uma análise mais clara sobre as concepções e as práticas das professoras com relação ao papel da literatura infantil na rotina da creche, e no desenvolvimento e aprendizagens das crianças pequenas.

O foco da pesquisa foi o professor de creche e sua prática pedagógica, tendo como suporte a literatura infantil, objetivando compreender melhor a visão desses profissionais sobre a importância deste gênero literário. Para que pudesse obter uma visão mais próxima da realidade acerca do tema pesquisado, todas as coletas e abordagens foram feitas no ambiente de trabalho das educadoras, buscando registrar os dados de forma o mais fiel possível com a realidade em foco. Utilizamos como amostra quatro salas de creche que funcionam na Unidade II de uma escola municipal (patrimonial) no Distrito V de Fortaleza, onde funciona o C.E.I. – Centro de Educação Infantil, localizada no bairro Granja Lisboa.

Entre os fatores que concorreram para a escolha do local da investigação, está o fato de atualmente ser lotada nesta escola, pois sua localização dificultaria a realização da pesquisa em outro local, já que fico na escola de 7h às 17h e seu entorno se constitui em uma área de grande vulnerabilidade social.

A escola patrimonial tem duas unidades anexas I e II. Ela foi fundada em outubro de 2003 e se localiza em um bairro na periferia de Fortaleza. A instituição atende 536 crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental e funciona em dois turnos. Sua gestão é realizada por uma diretora, duas coordenadoras e um secretário, os demais profissionais que compõem seu quadro são: vinte e sete professores, duas manipuladoras de alimentos, quatro auxiliares de serviço e quatro vigilantes que se revezam durante o dia e a noite.

Com relação à estrutura física:

Possui 11 salas de aula convencionais, uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), uma sala LIE (Laboratório de Informática Educativa) e uma biblioteca. Vale ressaltar que, nessas três últimas salas, não há mais um profissional especializado para fazer os atendimentos correspondentes. A quadra da escola é coberta e bem conservada e ainda possui um espaço ao ar livre para atividades com os alunos.

No tocante aos equipamentos, a escola patrimonial possui 9 computadores, 3 notebooks e 33 netbooks. Na cozinha tem duas geladeiras e dois freezers. Todas as salas de aula são equipadas com ventiladores, mesa para o professor e carteiras para as crianças em bom estado de conservação. Há também uma sala de professores, uma secretaria, uma sala de direção e uma de coordenação. Além de dois banheiros para os professores e dois para as crianças – estes, com subdivisões, isto é, quatro espaços com sanitários primando a privacidade.

Segundo o Projeto Pedagógico da Escola Patrimonial a programação de metas e ações é a seguinte:

- Dimensão Administrativa: O objetivo geral é assegurar a melhoria nos processos de comunicação entre os segmentos escolares;
- Dimensões Físico/Estrutural: O objetivo geral é redimensionar os espaços da escola para que possa oferecer seus serviços em condições adequadas de funcionamento;
- Dimensão Relacional: O objetivo geral é promover a integração entre todos os segmentos escolares – Nesta, o Conselho funcionará como núcleo de mediação de conflitos, cuidando das relações escola/família;
- Dimensão Pedagógica: O objetivo geral é garantir a efetividade do processo ensino-aprendizagem através das ações desenvolvidas nas dimensões administrativas e pedagógicas.

O Centro de Educação Infantil – C.E.I também denominada Unidade II, em que foi realizada a pesquisa em questão, faz parte da estrutura organizacional da escola patrimonial, e atende crianças de dois bairros como citamos anteriormente. Esta passou a pertencer a Prefeitura de Fortaleza no final do ano de 2013. Até então, era um prédio do estado, cedido a uma associação comunitária do bairro e que também funcionava como creche. Pelo fato de encontrar-se em um estado inadequado para o atendimento de crianças tão pequenas, foi preciso passar por uma grande reforma, o que impossibilitou o início do ano letivo em janeiro de 2014. Assim, o ano letivo dessa unidade só iniciou em 14 de julho de 2014, após o período de férias escolares, o qual sofreu alteração em virtude do evento Copa do Mundo. Constatamos que tal reforma deixou a instituição minimamente preparada para iniciar as atividades educativas com o público infantil. Ou seja, ainda falta muito para que adquira uma estrutura física satisfatória para atender as demandas das crianças. Esse prédio fica localizado a três ruas da escola patrimonial e atende em torno de cento e sessenta

crianças, distribuídas em dois turnos. De acordo com a coordenadora, a instituição se dedica ao desenvolvimento das crianças de forma integral e conta com o trabalho de profissionais qualificados e comprometidos.

Ainda no que se refere à questão estrutural observamos que:

Das oito salas existentes, sete possuem ventilador e nem todas são amplas. Vimos que após os horários de brincadeiras no campinho, as crianças da sala sem ventilador ficam por demais agitadas. Apenas em seis salas há um armário para guardar o material pedagógico e duas prateleiras. Nas outras três, há apenas duas prateleiras para a mesma finalidade – o que torna difícil a organização do material pedagógico das crianças e das professoras. Todas as salas possuem banheiro com dois aparelhos sanitários e duas pias na altura e no tamanho adequado para as crianças e um ou dois chuveiros.

O refeitório infantil possui mesas e cadeiras em número insuficiente para a totalidade das crianças, por esta razão se faz necessário dividir as crianças em três grupos para as refeições. Possui janelões que deixam o ambiente um pouco mais arejado. Ainda podemos citar a pequena cozinha que carece de muitos utensílios. Há um pequeno refeitório de professores que foi improvisado em espaço da área de serviço.

A sala de coordenação é dividida por uma estante para acomodar o que seria a sala dos professores para que possam fazer seus planejamentos, banheiro de funcionários, um almoxarifado muito pequeno, uma despensa e uma sala que é usada como depósito de materiais que não estão em condições de uso.

É importante registrar que a instituição ainda passa por muitas dificuldades em relação à quantidade insuficiente de equipamentos como: TV e DVD (só possui uma unidade de cada); mini system (apenas dois, que não funcionam direito, para serem utilizados pelas oito salas). Algumas das professoras tomaram a iniciativa de comprar caixinhas de som com entrada para pendrive, assim facilitam o acesso das crianças aos variados tipos de músicas; máquina fotocopadora, computador e impressora (não possui nenhum desses itens e, quando há necessidade de fazer atividades gráficas, é preciso que a coordenação vá até à escola patrimonial para fazê-las); móveis e material pedagógico, de higiene e limpeza, livros de literatura infantil em número muito reduzido.

O quadro de funcionários da Unidade II é constituído por dez professoras regentes, das quais, apenas duas são efetivas (titulares/PRA), cinco auxiliares de sala (que são terceirizadas), seis professoras regentes (temporárias/PRB – que assumem a sala nos momentos em que as professoras titulares estão fazendo o planejamento), duas profissionais que são manipuladoras de alimentos, duas que são responsáveis pela limpeza e uma coordenadora pedagógica que possui inúmeras atribuições, além do acompanhamento pedagógico, pois o fato de ela ser única pessoa que representa a administração dessa escola, a obriga a resolver problemas que comumente caberia à diretora da escola.

Há ainda dois vigilantes que se revezam durante o dia.

A médica Thelma Oliveira ao organizar o quadro dos profissionais que devem trabalhar com a Educação Infantil chegou a seguinte configuração:

Professor com formação em Magistério em Nível Médio ou Superior, Graduação em Pedagogia e/ou Especialização em Educação Infantil, e Professor na área de educação física, música, psicomotricidade (esta opcional, mas importante); Coordenadora de gestão e coordenadora pedagógica; Cozinheira/lactarista e demais funcionários precisam ter o Ensino Fundamental concluído; Profissionais como pediatra, nutricionista, auxiliar de enfermagem e psicólogo (opcional); Recreadora, berçarista (na proporção de uma funcionária para cada três bebês) e auxiliares de turma. O professor deve ofertar às crianças propostas instigantes que lhe proporcione momentos agradáveis que possam aprender com a “construção da leitura e da escrita, da lógica-matemática, brincadeiras livres e dirigidas, cuidado diário, alimentação balanceada”, entre outros, e saber dos seus direitos (OLIVEIRA, 2009, p. 253).

Os professores participam de formações a cada quinze dias (comumente, as formações acontecem apenas uma vez por mês, mas pelo fato de não ter ocorrido no primeiro semestre do ano letivo, se fez necessário essa adaptação). Nas formações, as professoras fazem estudos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem infantil, compartilham experiências exitosas e abordam teóricos que fundamentam o trabalho com as crianças. Os planejamentos correspondem a um terço da carga horária de trabalho, o que possibilita a melhoria da qualidade do trabalho desenvolvido com as crianças, pois assim, há tempo para pesquisas e elaboração de atividades.

Sobre a importância da formação do professor, Lopes (2002) coloca que:

Só acreditamos que a criança possa ter um atendimento de qualidade se os profissionais que trabalham diretamente com elas estiverem cientes da necessidade de qualificação e equipados teórica e metodologicamente (p.102).

As crianças que são atendidas nessa escola pertencem à famílias que sofrem muitas dificuldades financeiras e o fato de fazerem parte de uma comunidade que enfrenta sérios problemas de violência deve contribuir para que cheguem a instituição escolar com inúmeras questões de cunho emocional como: agressividade, introversão, agitação, entre outros.

Dentre as cento e sessenta crianças da instituição, apenas uma tem um laudo médico com diagnóstico de tetraplegia e, segundo a mãe, o laudo não está correto, pois afirma que a filha possui paralisia cerebral. As famílias de outras duas

crianças foram chamadas e alertadas para que procurassem um pediatra a fim de fazerem uma avaliação sobre seus comportamentos.

As quatro professoras que contribuíram para realização da pesquisa na Unidade II, foram representadas da seguinte forma: A que atende às crianças de um ano de idade – “*Infantil I*”; As professoras que atendem às crianças de dois anos de idade são, respectivamente – “*Infantil II A*” e “*Infantil II B*” e a professora que atende às crianças de três anos de idade - “*Infantil III*”.

Na tentativa de averiguar como a literatura infantil está sendo trabalhada com as crianças pequenas e qual a dimensão da importância desse suporte pedagógico por parte dos professores, os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram: observações da rotina em sala com as crianças – principalmente nos momentos em que antecediam às rodas de histórias, bem como os momentos imediatamente posteriores a elas registrados em um diário de campo; questionário e entrevistas com as professoras.

4 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização da pesquisa observamos a rotina de quatro salas que atendem crianças de creche, de um a três anos de idade (1 a 3 anos), nos momentos que são chamados de *Roda de história*.

Todos os registros foram feitos com a utilização da escrita no diário de campo, no qual eram anotados o desenvolvimento dos momentos que envolviam as contações de história (antes, durante e depois), com fantoches, com palitoches, com livros, teatrinho ou fantasias. Além disso, foram feitos registros fotográficos dos materiais utilizados para a realização das contações ou leituras de histórias e, também, entrevistas com as professoras, que girou em torno das concepções de cada uma delas com relação ao trabalho com a literatura infantil e a sua importância na rotina da creche. Tudo isso objetivando ter uma percepção mais clara acerca do significado que cada uma delas atribui à Literatura Infantil, como também, uma reflexão entre a teoria e a prática.

Para facilitar a análise do material coletado organizamos as questões levantadas em quadros temáticos com as respostas de cada professora.

4.1 - FORMAÇÃO DOCENTE E O TEMPO DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Qual sua formação e há quanto tempo trabalha com Educação Infantil?	
Infantil I	Sou graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Educação Especial. Trabalho há quase quinze anos com Educação Infantil e a apenas a onze meses atuo na creche.
Infantil II A	Sou graduada em Pedagogia. Estou há quatro anos trabalhando com Educação Infantil, destes há três estou na creche.
Infantil II B	Sou graduada em Pedagogia e iniciei, neste semestre, uma pós-graduação em Educação Infantil. Trabalho com Educação Infantil há cinco anos, sempre na creche.
Infantil III	Sou pedagoga, com formação pela Universidade Estadual do Ceará e trabalho há três anos com Educação Infantil na creche. No segundo semestre deste ano iniciei uma pós-graduação em Educação Infantil.

Fonte: Elaboração própria

Qualquer que seja a área em que uma pessoa deseja atuar, qualquer que seja a função que vai assumir, ao decidir por uma profissão deve estar ciente de que é preciso uma formação que lhe dê conhecimento e preparo para desenvolver um trabalho com eficiência. E quando se trata de educação, mais especificamente, a Educação Infantil, a formação deve ser ainda mais consistente, pois para que o atendimento seja realizado de forma eficiente e eficaz, é necessária uma união entre o conhecimento, dedicação e busca constante.

Nesse aspecto, a maioria das professoras mostraram-se empenhadas em investir na formação continuada, pois, ou já concluíram, ou deram início a uma especialização. Este fato deixa claro a importância dada à busca da profissionalização do trabalho docente.

Quanto menor a criança, mais preparado deve ser o professor para que possa, de forma adequada e responsável, incentivar o crescimento infantil em sua totalidade, respeitando os limites e potencialidades de todas as fases de seu desenvolvimento.

Para Lawrence Stenhouse (1926-1982), *todo professor deveria atuar como um investigador e que o pesquisador da educação e o docente devem compartilhar a mesma linguagem* (2009, p.119-120).

Constatamos que as quatro professoras entrevistadas possuem pouco tempo de experiência com crianças de creche, mas de acordo com suas respostas, foi possível perceber o compromisso com o trabalho, pois a maioria delas iniciou um curso de especialização em Educação Infantil, demonstrando preocupação e empenho com o bom desenvolvimento das crianças.

Nos momentos posteriores às observações, em conversa informal, foi possível perceber o interesse pela busca de uma melhor formação e um conhecimento mais aprofundado na área em que estão atuando, julgando, ser isso, importante para a realização profissional, pois a consequência desse ato seria o progresso e a evolução das crianças.

Durante os dias de observação, também foi possível perceber o quanto elas se mostram empenhadas em pesquisar atividades e brincadeiras que sejam adequadas às idades das crianças com as quais trabalham, deixando claro que adotam uma postura reflexiva com relação a suas ações e às necessidades das crianças.

Sobre esse aspecto, podemos confirmar com o que dizem Bassedas, Huguet e Solé:

O desenvolvimento não pode ser considerado como uma expansão automática de potencialidades, mas com um complexo processo de interação [...]. Por essa razão é preciso que a escola infantil organize-se em torno de situações experienciais através das quais tornará possível a aprendizagem de habilidades, estratégias, [...] e, portanto, avançará no desenvolvimento das capacidades [...] (1999, p. 54).

4.2 - O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Em sua opinião, qual o papel da Literatura Infantil?	
Infantil I	Acredito que o papel da literatura infantil seja despertar, na criança, seu lado lúdico, como também, tornar possível ensiná-la usando o mundo da imaginação.

Infantil II A	O papel da literatura infantil é fazer das crianças futuros leitores, incentivando o hábito de leitura, desenvolvendo a imaginação de cada um.
Infantil II B	O papel da literatura infantil é estimular nas crianças o gosto pela leitura, desenvolver a imaginação e trabalhar os sentimentos.
Infantil III	O papel da literatura infantil é muito importante, pois, por meio dela, é possível trabalhar a imaginação, o faz-de-conta, letramento, etc. Além do prazer das crianças em ouvir/ver/vivenciar a literatura.

Nas respostas das professoras transparece o quanto cada uma delas atribui relevante importância à literatura infantil. Sabemos que a literatura infantil é uma ferramenta importante que ajuda as crianças, dentre outras coisas, a trabalharem suas emoções, contribui para a construção da subjetividade, ajuda a desenvolver a linguagem oral e escrita, possibilita transformar suas ideias em palavras e favorece vínculos entre o leitor e a criança.

Assim, as observações feitas nos momentos de contação e leitura de histórias para as crianças, nas quatro salas, realmente permitiram a percepção da importância que cada uma delas procura atribuir ao ato de proporcionar às crianças o contato com a literatura.

As professoras das salas de Infantil I e Infantil III tocaram também, na questão da importância da literatura para o fato de ensinar algo às crianças e, tive a oportunidade de presenciar uma das atividades feitas após a leitura da história na sala do Infantil III, em que a professora ia perguntando às crianças, os nomes das personagens da história *A galinha ruiva* e, à medida que elas iam falando, a professora ia escrevendo e instigando à respeito das letras que formavam seus nomes e que também apareciam nos nomes citados por elas. Algumas crianças falavam: **“Tia, começa com meu nome”**, se referindo à letra inicial da palavra escrita; outras crianças falavam: **“Começa com a mesma letra do nome do nome do Guilherme e do Gutenberg”**.

De acordo com Cademartori “A relação lúdica com a língua exerce função importante na introdução da criança no universo da escrita.” (2010, p.59)

Já na sala do Infantil I, a atividade girou em torno do reconhecimento dos animais que apareciam na história. A professora começava a perguntar mostrando a

imagem da capa. Algumas crianças gritavam: **“É a galinha pintadinha, tia”**, outra dizia **“Tem lá na casa da minha vó”**, e após a história, ela perguntava quais eram os bichinhos que apareciam e se alguém sabia como era o “barulhinho” que esse bichinho fazia.

Dessa forma, é notório o fato das professoras estarem comprometidas com o uso da literatura nas mais diversas finalidades, ou seja, tanto com o objetivo de trazer conhecimento específico, como com a finalidade de despertar o gosto pela leitura, fruição, ampliação do vocabulário, entre outros.

Abramovich diz que:

Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham os valores sociais, como conflito, sonho, realidade, a idade, dor, perda, fantasia, além de ensinarem infinitos assuntos através da literatura infantil, é em uma história que se pode descobrir: outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica e ficar sabendo história, filosofia, [...]. Sem nem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (1997, p. 17).

4.3 - LITERATURA INFANTIL *versus* ROTINA

De que forma a literatura infantil se faz presente na rotina das crianças?	
Infantil I	A literatura infantil se faz presente por meio das contações de histórias, histórias cantadas e fantoches.
Infantil II A	Por meio da roda de histórias ampliando o horizonte das crianças e aumentando seus conhecimentos.
Infantil II B	Ela se faz presente por meio das contações de história, do manuseio de livros pelas crianças, do uso de fantasias e também o uso de vídeos e fantoches.
Infantil III	Por meio da roda de história que acontece diariamente.

Colocar as crianças desde cedo em contato com a literatura é de suma importância para seu desenvolvimento. No livro *Aprender a Ler e a Escrever -uma proposta construtivista*, as pesquisadoras Teberosky e Colomer defendem que:

Desde cedo, as crianças às quais se lê frequentemente desenvolvem uma grande sensibilidade para linguagem e para o conteúdo das histórias (Teberosky & Colomer – 2003, p.26).

Todas as professoras que foram entrevistadas e que contribuíram permitindo que momentos de suas rotinas fossem observados, mostraram que a literatura infantil esteve presente no dia-a-dia das crianças de forma intensa. Cotidianamente eram feitas as “*rodinhas de histórias*” e a literatura era experimentada e explorada de várias formas como leitura, contação com fantoches, histórias cantadas, manuseio de livros pelas crianças, também era feita a utilização de vídeos com os clássicos e outros.

Assim, fica claro perceber o lugar de destaque que as professoras colocam a literatura infantil, tornando mais acessível o contato com a linguagem oral e escrita, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

4.4 - FREQUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Com que frequência você conta histórias para as crianças?	
Infantil I	A contação de histórias acontece diariamente.
Infantil IIA	A contação de história é feita diariamente.
Infantil IIB	Faço a contação de história todos os dias.
Infantil III	Diariamente é feita a contação de história para as crianças.

Durante o período em que a pesquisa de campo foi realizada, foi possível observar que, tanto as professoras como as crianças estão ligados à magia que envolve a literatura e tudo que ela pode proporcionar.

Em um determinado momento da rotina das crianças, em todas as salas observadas, quando a professora pegava um livro e dizia para as crianças que estava na hora da história, imediatamente todos corriam para perto dela e sentavam-se esperando o início da leitura e com os olhinhos curiosos – claro que um ou outro demorava um pouco mais, aproximando-se apenas quando percebia a manifestação de espanto ou alegria dos colegas que participavam da rodinha. Esse comportamento das crianças demonstrou que realmente esse momento de leitura ou contação de história se faz presente com muita frequência.

Alguns dias a professora ia para o tapete que ficava em um cantinho da sala. Nos dias mais quentes, ela fazia a rodinha próximo à porta ou até mesmo no pátio coberto onde tinha uma ventilação melhor. Também foi possível observar que as professoras deixavam as crianças à vontade para ficar sentadas ou deitadas para

“curtirem” a história da maneira em que se sentissem melhor – tornando assim, um momento de prazer e fazendo valer um dos encantadores objetivos da leitura – a fruição.

Sobre a frequência, Teberosky e Colomer abordam o seguinte:

[...] uma leitura diária e um começo precoce, no segundo ano de vida, permitem às crianças um contato com a linguagem formal dos livros e com o texto escrito que as motiva a aprender, ao mesmo tempo em que condiciona suas aprendizagens posteriores (2003, p. 25).

Não só com crianças no segundo ano de vida, mas também, antes dessa idade, é possível e importante proporcionar esse contato com os livros, pois auxilia, como já foi citado anteriormente, na ampliação do vocabulário e na construção de subjetividade, dentre outros.

4.5 - ESTRATÉGIAS USADAS PARA TRABALHAR A LITERATURA

Quais estratégias você utiliza para trabalhar com a literatura infantil?	
Infantil I	Faço a leitura de livros de diferentes gêneros, faço, também, a utilização de fantoches, bonecos no palito, etc.
Infantil II A	Por meio de músicas, de desenhos, de livros infantis. Sempre permito que as crianças façam o manuseio dos livros e os explorem ao máximo.
Infantil II B	Costumo fazer contação e leitura de história, deixo que as crianças olhem os livros de história, uso também o áudio de alguns clássicos, além de fantoches.
Infantil III	Normalmente uso a leitura de histórias. Porém, também costumo usar recursos como fantoches, palitoches, etc.

Utilizar-se de variados artifícios para encantar as crianças com relação a literatura é de suma importância para incentivar e estimular o gosto pela leitura. Todas as professoras procuram não se limitar ao uso do livro propriamente dito, mas também incluíram nesse trabalho outros recursos como fantoches, palitoches, CD's e DVD's, bem como a apresentação das histórias sem a utilização dos livros, ou seja, fazendo a contação e, também, fazendo dramatizações que envolviam as crianças.

Sabemos que a contação é bem diferente da leitura da história. Enquanto que, na leitura o professor passa para as crianças as palavras do autor da história – mesmo fazendo diferentes entonações que ajudam as crianças a perceber a

intensidade e a variação dos sentimentos que o autor quer transmitir - a contação faz com que as crianças se prendam mais à interpretação do contador da história, à sua oralidade e variação de voz.

Sobre a leitura, Ferreiro (2006) diz:

O interpretante informa à criança, ao efetuar esse ato aparentemente banal que chamamos de um ato de leitura, que essas marcas têm poderes especiais: basta olhá-las para produzir linguagem. O ato de leitura é um ato mágico. [...] De fato o leitor é um ator: empresta sua voz para o texto ser representado (o sentido etimológico de 'tornar-se a apresentar'). [...] O interpretante-leitor é um ilusionista que tira dessa cartola mágica que é sua boca os mais insuspeitos objetos-palavras, em um desenrolar de surpresas que parece infinito (p. 165 – 166).

Fazer uma exposição diversificada da literatura implica dar várias oportunidades de aprendizado e mostrar várias formas de apreciá-la. Talvez isso desperte cada vez mais o interesse em manter o contato com a literatura infantil. Como foi possível observar, todas as professoras tratam a literatura como uma ferramenta de grande importância para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças, trazendo-a de forma marcante para a rotina da creche, principalmente em forma de leitura de livros. Assim comprovamos o que Cademartori diz: *Através da história, é a dimensão simbólica da linguagem que é experimentada, assim como sua conjunção com o imaginário e com o real* (2010, p.62).

4.6 - GÊNEROS TEXTUAIS UTILIZADOS NA CRECHE

Quais gêneros textuais você costuma contar para as crianças e por quais elas demonstram mais interesse?	
Infantil I	Procuro diversificar e geralmente uso os clássicos, poesias e revistinha em quadrinhos. O que as crianças mais demonstram interesse, são os clássicos.
Infantil II A	Sempre uso narrativas, fábulas e lendas, etc. O que eles mais demonstram interesse, são as fábulas.
Infantil II B	Costumo contar os clássicos, fábulas e lendas. O que prende a atenção das crianças são os clássicos, pois elas adoram ouvir sobre as princesas, bruxas, lobos e caçadores.
Infantil III	Sempre uso os literários, poesias, músicas e clássicos. Comumente, as crianças demonstram interesse maior pelos clássicos, com bruxas, reis, princesas, finais felizes, etc.

Durante as observações realizadas era por demais explícita a variedade de gêneros utilizada por todas as professoras. Como a creche iniciou suas atividades com muitas dificuldades, não foi disponibilizado a quantidade de material necessário para atender às demandas das crianças. No entanto, mesmo assim as docentes se mobilizaram, e conseguiram levá-los para sala usando seus próprios meios (compraram livros por conta própria, pegaram emprestados de outras colegas, entre outros), comprovando o compromisso e o empenho para a realização de um trabalho de melhor qualidade. Coerentes com seus discursos demonstram em atitudes que acreditam que a Educação Infantil é o começo de tudo e merece ter atendimento especial. Comungamos com Cademartori quando afirma que:

É amplamente conhecida a importância existencial das narrativas clássicas para as crianças. A apresentação sintética, simbólica e essencial de conflitos que atingem as personagens nos contos de fadas permite aos ouvintes a elaboração, igualmente simbólica, dos seus. Desse modo, os contos, clássicos ou populares, facultam, não só a identificação, como também possibilitam uma prospecção, ou seja, a reformulação das expectativas pela apresentação de perspectivas novas (2010. p.62).

As professoras também mostraram, ao utilizarem variados gêneros textuais em sala, que estão procurando pautar suas práticas no que orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: [...]

III – possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

4.7 - POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO CRIANÇA *versus* HISTÓRIAS

Como você proporciona às crianças, a interação com as histórias lidas ou contadas?	
Infantil I	Dando oportunidade às crianças de manusearem os livros; solicitando ou intervindo para que contem as histórias como elas conhecem, ou seja, oportunizando o reconto da história.
Infantil II A	Procuro sempre motivar as crianças a contarem as histórias do seu jeito ou faço várias perguntas acerca da história, para que elas possam interagir.

Infantil II B	Sempre procuro proporcionar momentos em que as crianças possam manusear os livros; incentivo que elas façam o reconto das histórias e também, ao ler histórias para as crianças, mostro sempre as gravuras para elas.
Infantil III	Procuro oportunizar a interação apresentando as imagens dos ambientes e personagens durante a leitura ou a contação; manusear os livros ou fantoches/palitoques, antes e/ou depois da história; estimulando as crianças a fazerem o reconto.

Nos momentos de observação, foram encontradas muitas formas de interação entre a criança e as histórias. O manuseio de livros, a “leitura participativa” e o reconto das histórias foram os momentos mais marcantes.

Sobre as interações, Craidy & Kaercher dizem que:

É importante criar – e garantir – na rotina do grupo, situações em que as crianças e sua professora ou o adulto responsável pelo grupo leiam e escrevam, explorando as relações entre a utilização da língua escrita com a organização do mundo em que vivem (2001, p.143).

As leituras eram feitas de formas variadas. Havia o dia em que a professora, a cada cena que lia, passava o livro para que todas as crianças pudessem ver e tocar as gravuras (elas adoravam passar a mão, era como se realmente estivessem tocando nos personagens e, seus olhos mostravam todo o encantamento). Havia o dia em que, ao ler a história, as professoras apenas mostravam as gravuras para as crianças.

Outro dia, ao terminarem a leitura, as professoras entregavam o livro para que as crianças pudessem folhear.

Uma das estratégias usadas na roda de história, era a leitura participativa, em que durante a leitura as crianças tinham toda liberdade de fazer comentários, perguntas e antecipar os acontecimentos.

Como as crianças participavam ativamente desses momentos, algumas vezes era preciso que as professoras solicitassem um pouco de silêncio para que dessem continuidade à leitura e procurassem fazer um combinado de comentar somente no final da história.

Numerosos estudos têm mostrado que ao compartilhar a leitura de um livro com as crianças pré-escolares não apenas se cria uma atividade prazerosa, mas também se organiza um importante momento de aprendizagem. Com

essa atividade, as crianças aprendem que a linguagem dos livros tem suas próprias convenções, e que as palavras podem criar mundos imaginários para além do aqui e agora (Teberosky & Colomer, 2003. p. 20).

Foi admirável ver, durante a leitura, a variação de voz que as professoras faziam, a maneira de alternar leitura *versus* diálogo *versus* leitura e o fato de dar informações sobre as características dos objetos, plantas ou animais que faziam parte das ilustrações. Tudo isso era fundamental para que as crianças se mantivessem interessadas, atentas e participativas na leitura que estava sendo feita.

4.8 - DIFICULDADES PARA TRABALHAR A LITERATURA

Quais as dificuldades que você encontra para trabalhar com a literatura infantil?	
Infantil I	O que mais dificulta é a falta de material como livros adequados para a idade das crianças.
Infantil II A	Na minha opinião, o que mais dificulta é a falta de livros que chamem a atenção das crianças, com mais gravuras, em tamanho maior, etc.
Infantil II B	Aqui na creche, a maior dificuldade é a quantidade e a adequação dos livros infantis que temos, pois além de ser pouquíssimos, a maioria deles não são adequados para a idade das crianças menores – 1 e 2 anos.
Infantil III	A dificuldade maior, no nosso caso, é a disponibilidade e variedade de material (recursos), especialmente livros.

Ao conversar com as professoras acerca do assunto, pude perceber que a grande dificuldade que elas enfrentam é a falta de material. Dentre esses materiais, estão os livros. A creche, por ter passado por inúmeros problemas físico/estruturais até que ficasse em uma condição mínima de funcionamento, não disponibiliza de material suficiente e adequado para suas crianças. Esse fato dificulta a realização de um trabalho mais rico em torno da literatura infantil.

Zabalza (1998) expõe que:

Todos somos conscientes de que a linguagem é uma das peças-chave da Educação Infantil. É sobre a linguagem que vai sendo construído o pensamento e a capacidade de decodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender (Zabalza, 1998, p. 51).

O autor aborda a importância da linguagem para essa etapa da educação básica. Se atrelarmos a isso, os estudos feitos acerca da importância da literatura,

podemos confirmar quão importante é a força do trabalho que a utiliza como suporte na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. Pois ela oferece inúmeros benefícios para o crescimento e a evolução de todos e, em se tratando de crianças, a leitura aguça a criatividade, auxilia na conversão de palavras em ideias, possibilita lidar melhor com as dificuldades do dia-a-dia, desperta a curiosidade e o interesse em conhecer novos livros, dentre outros.

4.9 - MATERIAL DISPONIBILIZADO PELA ESCOLA

Qual material é disponibilizado pela escola para o trabalho com literatura?	
Infantil I	A escola disponibiliza livros, fantoches, máscaras e roupas de alguns personagens.
Infantil II A	Alguns livros são disponibilizados pela escola, livros infantis – embora poucos, DVD´s e fantoches. Há também fantasias de bichinhos.
Infantil II B	A escola disponibiliza alguns livros infantis e pouquíssimos DVD´s. O que mais temos são fantasias de bichinhos.
Infantil III	Para o trabalho específico com literatura, a escola disponibiliza livros, mas em quantidade e variedade mínima.

Segundo as professoras o material disponibilizado pela rede municipal para a escola ainda deixa muito a desejar no que refere a quantidade, mas também foi colocado, em conversa informal, que os livros não são adequados para as crianças da creche. São pouquíssimos os que se adequam às crianças de um e dois anos, sendo preciso usar maneiras de encantamento e até mesmo uma “certa alquimia” para tornar a linguagem acessível a elas.

Sobre essa responsabilidade que o professor tem de despertar o interesse pela leitura, Solé diz que:

[...] não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que, em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura [...] (1998, p. 43).

Todas elas se utilizam de meios próprios para oferecer às crianças uma literatura que seja adequada à fase de desenvolvimento em que elas se encontram, e assim, trazem os livros de seus filhos, sobrinhos e, na maioria das vezes, elas mesmas

compram. Tudo isso objetivando oferecer uma diversidade de obras que possam encantar e fazer com que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura.

4.10 - OUTROS RECURSOS PARA TRABALHAR A LITERATURA

Além de livros, que outros recursos você utiliza para trabalhar a literatura infantil?	
Infantil I	Revistas, figuras no palito, músicas e DVD's.
Infantil IIA	Costumo usar também, os fantoches, os dedoches e os DVD's.
Infantil IIB	Utilizo vídeos, fantoches de palito e os convencionais, músicas
Infantil III	Além dos livros, costumo utilizar também, os fantoches, palitoches e vídeos.

Com as respostas das entrevistadas, foi fácil perceber que elas se utilizam de variados recursos para trabalhar a literatura infantil, não se prendendo apenas a livros. Cada uma delas já confeccionou variados tipos de materiais que ajudam a fazer os contos e recontos de histórias. Além dos materiais citados por elas, foi observado que usam o mini teatro e que este é usado tanto pelas professoras quanto pelas crianças – quando elas mesmas fazem o reconto das histórias que foram lidas pelas professoras.

Durante as observações, vi que todas elas prepararam, antes de algumas contações, o que elas chamam de “palitoches”, que são os principais personagens e objetos que fazem parte da história, desenhados e colados em palitinhos de churrasco ou em canudinhos.

A professora do Infantil I preparou os personagens da história “*A galinha ruiva*”, a professora do Infantil II A preparou os personagens de “*A história do lápis branco*” e as professoras de Infantil II B e Infantil III fizeram juntas os personagens de “*A festa no céu*”.

Ainda foi possível ver que foram confeccionados alguns dedoches, máscaras, coroas e varinhas de condão, além de uma roupa de bruxinha que iria compor a peça de “*Linda Rosa Juvenil*”. As crianças se mostraram muito envolvidas durante esses momentos.

Cada uma das professoras, ao terminar sua contação, sempre permitia que as crianças pudessem manipular todo o material confeccionado por elas, possibilitando desenvolvimento da criatividade, imaginação e oralidade.

No final das entrevistas abrimos um espaço para que as docentes pudessem registrar suas críticas/sugestões, desejos ou expectativas para a realização de um trabalho com literatura infantil em que possam inserir as crianças no universo literário. Para a professora do infantil I:

[...] as escolas, principalmente as creches, deveriam possuir variados tipos de livros infantis e um espaço reservado e equipado, onde as crianças tivessem acesso ao mundo da imaginação (fragmento de fala, 2014).

Na visão da professora do infantil II B:

O que gostaria de enfatizar, seria o desejo de receber em nossa creche, mais material e que este seja adequado para as idades das crianças que atendemos: Brinquedos, livros, jogos (ibdem)

A professora do infantil III também expressa seu pensamento sobre a questão:

É inegável que a literatura infantil é fundamental para o trabalho com crianças, inclusive com as bem menores. São várias as possibilidades de trabalho e aprendizado como: Oralidade, faz-de-conta, linguagem, o despertar e o gosto pelo universo leitor, etc. Sabemos que nos últimos anos a preocupação e os incentivos dos governos tem aumentado no sentido de atender essa necessidade, porém o que tem sido oferecido ainda é muito pouco. Recursos em quantidade, variedade e qualidade mínima e inadequada, onde muitas vezes cabe ao educador disponibilizar material adequado para sua turma, tendo inclusive que utilizar recurso próprio (ibdem).

A professora do infantil II A, optou por não emitir opinião sobre o assunto.

Diante de tudo o que foi observado e segundo o depoimento de cada uma das professoras, é notório que a instituição encontra-se com carência de variados tipos de materiais. Sejam relacionados aos recursos didáticos, físico-estruturais, higiene e limpeza, entre outros. Percebe-se também que, todos na instituição, estão cientes das condições dadas para o início do ano letivo e, que todos se colocam como colaboradores dispostos a fazer um trabalho que possa assegurar o bom desenvolvimento das crianças que são atendidas pela escola.

Sobre a consciência que todos manifestam, vale ressaltar que não está ligada ao fato de compreender e aceitar tais condições, mas sim, associada a iniciativa de procurar dar o melhor de si, procurando estratégias para contornar a situação difícil e estar sempre junto à coordenação e direção da escola, tentando sensibilizá-los

sobre a necessidade de aquisição de diversos tipos de materiais que tornem possível o melhor desenvolvimento do trabalho com as crianças, pois a criança deve ser o centro do nosso planejamento, tanto pedagógico quanto institucional.

Concluimos o capítulo recorrendo ao módulo IV da coleção *Brinquedos e brincadeiras na creche* do Ministério da Educação que nos leva a refletir:

A infância, a criança e o brinquedo são temas importantes para nossas reflexões. O bebê ingressa na creche, cresce e vai embora, sua infância é passageira. Se não garantirmos a qualidade da experiência de cada criança no seu curto espaço de tempo vivenciado na creche, deixaremos de cumprir o nosso papel ético, social e educativo (2012, p.41).

Assim, pudemos perceber que, dentro da realidade em que a pesquisa foi realizada, tudo gira em torno da busca de um trabalho que possibilite proporcionar às crianças o seu desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível conhecer com maior profundidade a origem da literatura infantil e sua trajetória no mundo e no Brasil.

Vimos que muitos autores se dedicam a pesquisas e estudos relacionados ao tema e como a literatura pode ser utilizada como uma ferramenta capaz proporcionar desenvolvimento e aprendizagens na criança. E tivemos a satisfação de constatar que as docentes investigadas estão sensibilizadas e bem fundamentadas sobre esta questão.

Descobrimos ainda, por intermédio das professoras, que a conscientização da importância da literatura infantil para os pequenos está conseguindo atingir também algumas famílias que, desde cedo, estão propiciando o contato destas com as narrativas no ambiente extra escolar.

Quanto aos objetivos específicos propostos para esta investigação, pôde-se ter uma visão clara do quanto as professoras de creche atribuem importância à literatura infantil. Após as observações e as entrevistas, foi notória a conexão que elas realizam entre a teoria e a prática, pois mesmo com recursos bastante reduzidos criam as possibilidades para que as crianças possam ter o acesso mais fácil e um contato mais próximo com a literatura infantil, seja na forma de livros, filmes, teatro ou músicas.

Foi percebido também que apesar do trabalho ser desenvolvido em uma escola que pertence a uma comunidade que enfrenta sérios problemas de violência, é possível realizar um trabalho significativo, sensibilizando os pequenos e despertando neles o encantamento, interesse e gosto pelos contos.

Apesar das dificuldades materiais enfrentadas pela instituição, o comprometimento de todo o quadro de funcionários da escola possibilitou a realização de um trabalho capaz de favorecer a evolução das crianças.

A pesquisa possibilitou ainda a constatação do quanto as professoras estão empenhadas em se qualificar para buscar conhecer e enriquecer suas práticas, utilizando estratégias diversificadas para favorecer a construção de novos

conhecimentos por parte das crianças, pois a maioria das docentes possui ou está concluindo uma especialização em Educação Infantil.

Todas as professoras mostraram que realmente estão em comunhão com os estudos realizados acerca dos benefícios do trabalho com a literatura infantil para crianças pequenas. Esses momentos se fazem presentes de forma marcante e prazerosa todos os dias. Observamos que o trabalho realizado por elas também reflete o que Emília Ferreiro diz:

Há crianças que ingressam na língua escrita pela magia (uma mágica cognitiva desafiante) e crianças que entram na língua escrita pelo treino de 'habilidades básicas'. Em geral, as primeiras se tornam leitoras; as outras, têm um destino incerto (2009, p. 27).

Outro ponto importante que não pode deixar de ser exposto é o fato de que todas elas sempre proporcionam interação nos momentos de história, sejam eles de forma física quando as crianças tocavam as gravuras ou de forma verbal, quando elas participavam perguntando, comentando, respondendo aos questionamentos ou imitando as personagens. Mostraram com isso que proporcionam, entre outras coisas, o desenvolvimento de linguagem oral e da percepção.

Para mostrar a importância de atividades que estimulem a linguagem, retiramos um trecho do livro *Pensamento e Linguagem*, de Vigotski:

[...] o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança. Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, [...]. O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem (1998, p. 62 e 63).

Um fato muito relevante acerca das descobertas que a pesquisa nos proporcionou foi perceber que os textos literários são entendidos como suportes que propiciam muitos benefícios para o desenvolvimento das crianças, pois além de fortalecer os vínculos afetivos entre as crianças e quem lê para elas, estimula a criatividade, aguça a curiosidade, desenvolve a atenção e a concentração, amplia o vocabulário, além de divertir, encantar e ensinar uma infinidade de outras coisas.

Concluimos temporariamente este trabalho com a convicção de que tanto os estudos e reflexões realizadas no decorrer do Curso de Especialização em

Docência na Educação Infantil, quanto a investigação que foi relatada neste trabalho, concorreram profundamente para o meu crescimento pessoal e profissional. Certamente, de agora em diante, a literatura infantil que desconfiava ser importante para a prática pedagógica dos profissionais de educação de crianças, ocupará lugar de destaque em minha sala com as crianças.

Assim, fico feliz por deixar minha contribuição para a realização do trabalho com literatura infantil – o livro de minha autoria, *A Fábrica de Brinquedos*, que faz parte da Coleção PAIC Prosa e Poesia do ano de 2014 e que vai ser distribuído nas escolas públicas do Ceará em 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scorpione, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: América Editora, 1979.
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
(blog.clubedeautores.com.br/2012/05/Ziraldofala-sobre-literatura-infantil.html)
- BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna. **Manual de Educação Infantil – De 0 a 3 anos**. 9ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ALVES, Rubem. **Encantar o Mundo Pela Palavra**. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus – 7 mares, 2010.
- BRASIL, DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução Nº5, de 17 de dezembro de 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Organização do Espaço Físico, dos Brinquedos e Materiais para Bebês e Crianças Pequenas**. Manual de orientação pedagógica: módulo 4. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. Coleção Primeiros Passos; 163.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAGNET, Sueli de Souza. **Livro que te Quero Livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- CORSO, Diana Lichtensitein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã – Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FERREIRO, Emília; LERNER, Delia; CASTORINA, José Antonio; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget – Vygotsky: Novas Contribuições para o debate**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

- FERREIRO, E. **Passado e Presente dos verbos ler e escrever**. 3ª ed. São Paulo: Cortês, 2009.
- LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 2005.
- LARROSA, J. **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LOPES, E. M. T. Da sagrada missão pedagógica. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). **A Psicanálise Escuta a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artmed 2001.
- MOREIRA, Joana Adelaide Cabral. **SABER DOCENTE, ORALIDADE E CULTURA LETRADA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: análise da prática docente à luz dos autores da Escola de Vygotsky**. Tese de Doutorado, UFC: 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- OLIVEIRA, Thelma.B. **Pediatria Radical: Pediatria para as Mães**. Brasília: Senac, 2009.
- REGO, José Lins. **Menino do Engenho**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico Cultural da Educação**. Vol. 15. Petrópolis: Vozes, 2003.
- REVISTA NOVA ESCOLA – Edição Especial: Grandes Pensadores. São Paulo: Abril, julho/2009.
- SALEM, Nazira. **História da Literatura Infantil**. São Paulo: Metre Jou, 1970.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Shilling. 6ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e Escrever: Uma Proposta Construtivista**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICES

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES PARA PESQUISA DE CAMPO

1º DIA – 06/10/2014	Conversa com o grupo gestor e com os professores sobre o trabalho, bem como a apresentação da metodologia que será utilizada e da documentação solicitando a autorização da realização da pesquisa.
2º DIA – 08/10/2014	Observação da rotina da sala do Infantil I, em especial dos momentos de contação de história.
3º DIA – 10/10/2014	Continuação da observação + entrevista com a professora do Infantil I
4º DIA – 20/10/2014	Observação da rotina da sala do Infantil II A, em especial dos momentos de contação de história.
5º DIA – 22/10/2014	Continuação da observação + entrevista com a professora do Infantil II A
6º DIA – 03/11/2014	Observação da rotina da sala do Infantil II B, em especial dos momentos de contação de história
05/11/2014	Continuação da observação + entrevista com a professora do Infantil II B
8º DIA – 07/11/2014	Observação da rotina da sala do Infantil III B, em especial dos momentos de contação de história
9º DIA – 17/11/2014	Continuação da observação + entrevista com a professora do Infantil III B
10º DIA – 19/11/2014	Devolutiva à gestão do C.E.I. e às professoras sobre as observações realizadas. Agradecimento pela disponibilidade de todos em contribuir com o trabalho.

OBS.: Durante a pesquisa foram observados pontos como:

- Material disponibilizado pela escola para trabalhar a literatura;
- Organização e acessibilidade dos livros para as crianças;
- Observar se a literatura está presente no planejamento diário;

QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS PROFESSORAS

1. Qual sua formação e há quanto tempo trabalha com Educação Infantil?
2. Há quanto tempo trabalha especificamente com crianças de creche?
3. Em sua opinião, qual o papel da Literatura Infantil?
4. De que forma a Literatura Infantil se faz presente na rotina das crianças?
5. Com que frequência você conta histórias para as crianças?
6. Quais estratégias você utiliza para trabalhar com literatura infantil?
7. Quais gêneros textuais você costuma contar para as crianças e por quais elas mais demonstram interesse?
8. Como você proporciona às crianças, a interação com a história lida ou contada?
9. Quais as dificuldades que você encontra para trabalhar com a Literatura Infantil?
10. Qual material é disponibilizado pela escola para o trabalho com Literatura?
11. Além de livros, que outros recursos você utiliza para trabalhar com literatura infantil?
12. Fique à vontade para registrar abaixo suas críticas/sugestões, desejos ou expectativas para a realização de um trabalho com literatura infantil em que possa inserir as crianças no universo literário.

ANEXOS

01 – DECLARAÇÃO DE REVISÃO